



Os 50 anos da Revolução e as mudanças em Cuba

Em entrevista ao pesquisador do SOLTEC Vicente Nepomuceno, a professora da ISPJAE, em Havana, Gina Rey fala sobre o aniversário da Revolução e as mudanças por que passa Cuba desde 1950 até a saída de Fidel Castro do comando do país.

Página 6

FSM e exclusão acertos e contradições

Flávio Chedid comenta a nona edição do Fórum Social Mundial, que aconteceu em janeiro de 2009, em Belém. O pesquisador conta sobre a participação do SOLTEC no Fórum, apontando as contradições e a importância do evento.

Página 5



Conquistando espaço

Em novembro de 2008, um dos mais antigos projetos do SOLTEC, a BENESCA, conquistou da Prefeitura de Macaé a cessão de um terreno de 1.650m² por 10 anos. No terreno, será construída uma cozinha onde as mulheres possam trabalhar em melhores condições. Confira essa história contada pela pesquisadora Fernanda Santos Araújo.

Página 3



EDITORIAL

Por Felipe Addor

Em que sentido a difundida crise no sistema financeiro capitalista, dita a pior desde 1929, afetará os movimentos que buscam a construção de um mundo com outros valores, outros princípios, outras prioridades? Coloca-se em debate como os movimentos que lutam por um outro mundo possível podem tirar proveito do momento de fragilidade gerado pela crise e buscar o fortalecimento de suas ações, a maior participação popular, a diminuição das desigualdades sociais. Certamente, a Universidade tem a obrigação de refletir sobre o assunto e de se posicionar frente ao desafio que se coloca.

Historicamente, os movimentos associativos e cooperativos se consolidam nos períodos de crise do sistema vigente, quando quem realmente paga a conta são os trabalhadores. Isso ocorreu tanto no início do século XIX na Inglaterra, no pós I Revolução Industrial, quanto na década de 1980 no Brasil, no fim dos “trinta anos gloriosos”, que foi seguido do catastrófico neoliberalismo dos anos 90. Foi nesse período que nasceram as ações que hoje são conhecidas como a origem da Economia Solidária no Brasil.

Certamente a resposta para a pergunta inicial não é simples, mas talvez caminhe na direção do que nossa entrevistada Gina Rey destacou como sentimento inicial da Revolução Cubana, que em 1º de janeiro completou, de forma tímida na grande imprensa, meio século de vida: “necessidade de desenvolver uma consciência social e o espírito coletivo”.

Coincidentemente, ou não, no auge da crise cria-se a Secretaria de Desenvolvimento Econômico Solidário do município do Rio de Janeiro. De forma sutil e incisiva, a preocupação antes apenas econômica torna-se, também, solidária. É claro que a cultura da Economia Solidária não se cria por decreto; mas não podemos negar que vontade política ajuda. Nós já estamos de namoro com a nova Secretaria. Vamos lutar (e sonhar) para que o momento atual torne-se mais um exemplo de movimento de consolidação de uma alternativa econômica solidária em uma situação de crise do sistema. Mas que a Economia Solidária venha ao Rio para ficar; com ou sem crise.

O que é o SOLTEC?

O SOLTEC – Núcleo de Solidariedade Técnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro é um núcleo de ensino, pesquisa e extensão do Departamento de Engenharia Industrial e um Programa da Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ. Atua por meio de atitude solidária, desenvolvendo competências técnicas para subsidiar políticas públicas para a geração de trabalho e renda e promoção de direitos humanos. O SOLTEC/UFRJ apóia-se na concepção de que a educação deve desenvolver competências de inteligência, análise, síntese, comunicação e relacionamento humano, sendo promotora de uma consciência cidadã, crítica, ou seja, calcada em uma postura ética e solidária.

Nos projetos de extensão, o núcleo se baseia em quatro princípios básicos: participação, cidadania, cooperação e solidariedade. Portanto, sua atuação é norteadora por conceitos ligados à Metodologias Participativas, Economia Solidária, Desenvolvimento Local, Sustentabilidade Ambiental, buscando como resultados a geração de trabalho e renda, a promoção dos direitos humanos, a inclusão social e o resgate das identidades culturais.



PlanSeQ Ecosol: formação para a autogestão em rede

Por Maurício Sardá e
Roberto Marinho Alves da Silva

O Plano Setorial de Qualificação Social e Profissional em Economia Solidária – PlanSeQ Ecosol – é parte integrante da Política Nacional de Formação em Economia Solidária, na qualidade de ação formativa para a autogestão. O PlanSeQ assumiu como prioridade os/as trabalhadores/as de empreendimentos econômicos solidários organizados em Redes de Cooperação, e aqueles que possuem potencial e disposição para estabelecer circuitos ampliados de relacionamento econômico e social.

O primeiro PlanSeQ Ecosol (2006-2008) envolveu cerca de cinco mil e quinhentos trabalhadores/as, integrantes de 9 (nove) redes ou cadeias produtivas solidárias. Essa experiência de formação em rede com os trabalhadores em processo de autogestão revelou-se adequado em diversos aspectos e contribuiu efetivamente para a consolidação de redes e cadeias de cooperação que dele participaram, no campo da apicultura, fruticultura, artesanato, siderurgia e têxtil.

No que diz respeito ao processo de construção da política, vale ressaltar o papel da Comissão de Concertação do PlanSeQ, forma que permitiu o diálogo entre governo, entidade executora nacional e as redes, enquanto as atividades nacionais de formação de formadores e sistematização buscaram delinear um projeto político pedagógico para PlanSeQ Ecosol.

A adoção da pedagogia da alternância no PlanSeQ Ecosol, combinando tempo presencial e tempo comunidade/grupo de produção, contribuiu para que o percurso formativo fosse apropriado pelas redes/empreendimentos. No campo do trabalho associado, as ações de qualificação social e profissional dispõem de um terreno fértil para

experimentação e intervenção práticas, constituído pelos próprios processos autogestionários vivenciados por seus participantes.

Ao tomar como ponto de partida as experiências coletivas dos educandos, a formação para a autogestão combina conteúdos técnico-profissionais específicos voltados às atividades produtivas com temas vinculados aos processos sociais de cooperação e solidariedade. Nesta medida, a autogestão do processo pedagógico é constitutiva da educação para o trabalho associado.

A formação em Rede permite, entre os trabalhadores/as, o intercâmbio de informações e conhecimentos sobre a gestão coletiva dos empreendimentos, e as adequações técnicas possíveis são desenhadas e experimentadas. Sendo assim, as ações de formação para a autogestão aproximam-se metodologicamente da assistência técnica, ainda mais quando voltada para o desenvolvimento de tecnologias sociais apropriadas ao trabalho associado, ao desenvolvimento das relações sociais coletivas e autogestionárias.

A segunda edição do PlanSeQ Ecosol (2008-2009), que em breve terá início com a realização da atividade nacional de formação de formadores, adota idênticos parâmetros político-pedagógicos, pressupondo a pedagogia da alternância e a formação em rede de trabalhadores e educadores. Alguma mudança verificou-se na operacionalização do plano de qualificação, uma vez que as redes de cooperação assumiram diretamente a gestão desse processo através de relação formal de convênio com os órgãos governamentais.

Esta edição do PlanSeQ Ecosol prevê a qualificação social e profissional de 6 mil trabalhadores/as e educadores/as, participan-

tes de 9 (nove) redes de cooperação, que são: Rede UNICAFES – agricultura familiar; Rede CONCRAB – assentamentos; Rede Solidária da Pesca – pesca artesanal; Rede Solidária de Minas Gerais – posseiros e assentados; Rede Coesperança – agricultura familiar e artesanato; Rede Sabor Natural do Sertão – fruticultura; Rede Abelha – cadeia produtiva da apicultura; Rede Arte Sudeste – artesanato; Rede de Comércio Justo – confecção e artesanato.

Como eixos transversais do PlanSeQ Ecosol, além da formação de formadores e trabalhadores em rede, incorpora-se a temática do comércio justo e solidário, buscando com isso enfrentar o desafio da comercialização dos bens e serviços da economia solidária e, ao mesmo tempo, contribuir para a construção do Sistema Brasileiro de Comércio Justo e Solidário.

Ao priorizar os empreendimentos articulados em redes ou cadeias produtivas solidárias, a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES/MTE) e a Secretaria de Políticas Públicas de Emprego (SPPE/MTE) visam o fortalecimento dessas formas de organização, com a ampliação territorial de atuação das redes, o aprofundamento dos vínculos identitários entre seus participantes e melhores condições para a viabilidade econômica e sustentabilidade (social, cultural, ambiental etc.) dos empreendimentos.

A qualificação social e profissional é parte integrante do conjunto de políticas públicas estruturadas para conferir efetividade ao Direito ao Trabalho Associado, e tem como horizonte a construção de processos emancipatórios e de uma vida cheia de sentido para os produtores e consumidores imediatos.

BENESCA conquista concessão de terreno em Macaé



Por Fernanda Santos Araújo

A BENESCA é um empreendimento econômico solidário de beneficiamento de pescado que vem sendo incubado pelo SOLTEC desde 2006.

Ao longo desses três anos de muito trabalho, diversas foram as conquistas, mas uma delas, que ainda está por se concretizar, tem um gostinho especial.

Entre as metas estabelecidas, a busca por um local adequado para produção mereceu destaque ao longo de todo o projeto.

O beneficiamento de produtos de origem animal é um processo extremamente delicado do ponto de vista da higiene e segurança. Para garantir a qualidade desses produtos existe o Serviço de Inspeção Municipal (SIM), órgão responsável pela inspeção e fiscalização de estabelecimentos de produção (existem também o SIE e o SIF, serviços equivalentes nas instâncias estadual e federal). O certificado emitido pelo SIM é o documento que permite a comercialização dessa classe de alimentos.

Portanto, a falta de um local com as condições requeridas pelo SIM representa um fator que limita a entrada dos produtos da BENESCA no mercado, limitando também, conseqüentemente, a capacidade de geração de trabalho e renda da atividade.

Os recursos da FINEP/MCT (Financiadora de Estudos e Projetos), que financiaram o projeto até o final de 2008, não previam a construção nem a compra de imóvel para implantação do empreendimento. Entretanto, previa cerca de R\$ 40.000,00 para reformas. Sendo assim, no início do projeto buscávamos um local com características próximas ao que esperávamos de uma unidade produtiva de beneficiamento de pescado, onde faríamos as adaptações necessárias. Estabeleceram-se

diversos caminhos para negociação, principalmente com o poder público municipal, na busca por um local com essas características. Cerca de 10 possibilidades foram levantadas e avaliadas pelo grupo e seus parceiros, mas nenhuma delas se concretizou.

Com caráter provisório, a Secretaria Municipal de Trabalho e Renda ofereceu ao empreendimento inicialmente uma guarita de segurança de cerca de 20m² na Incubadora Municipal de Cooperativas, que havia sido adaptada para produção de uma cooperativa de doces. Aquele foi o local de produção utilizado pela BENESCA no período de outubro de 2006 a abril de 2007. A partir de então, o grupo passou a produzir na cozinha do restaurante escola também da Incubadora, e lá trabalha até hoje, sem previsão de saída, mas também sem nenhuma garantia de continuidade.

Apesar de ter sido projetada e construída para atender aos requisitos de higiene e segurança na produção de alimentos, a cozinha do restaurante escola apresenta pelo menos dois grandes problemas: a falta de um hidrômetro, o que impede o fornecimento de água da CEDAE, restando, quando muito, uma água de péssima qualidade; por não ser destinada ao uso exclusivo da BENESCA, não permite a obtenção do SIM.

Em meados de 2007, quando o financiamento da FINEP estava próximo do encerramento (antes da prorrogação que estendeu seu prazo até dezembro de 2008) e ainda não tínhamos perspectivas de um local para reforma, solicitamos a realocação dos R\$40.000,00 - a princípio disponíveis para reforma - para compra de equipamentos. Desde então buscamos por um local pronto ou pela cessão de um terreno e financiamento para construção.

A partir de um seminário da Rede Solidária da Pesca realizado em Brasília em setembro de 2007, onde a questão do beneficiamento do pescado foi levantada e debatida, a Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca (SEAP/PR) se comprometeu com o financiamento para a construção da unidade de produção, desde que houvesse um terreno disponível para isso.

Após um longo processo de busca e negociação com a Prefeitura de Macaé, contando com a ajuda indispensável da arquiteta Alessandra Aguiar, *no dia 27 de novembro de 2008, por meio da lei nº 3.133/2008, conseguimos a cessão por 10 anos de um terreno de cerca de 1.650m² para a UFRJ para a construção da cozinha.*

Um projeto para execução da obra foi feito pela Secretaria Municipal de Obras de Macaé, sob o comando da arquiteta Márcia Santana, e encaminhado à SEAP para aprovação do financiamento, previsto para fevereiro de 2009.

De acordo com este projeto, a cozinha a ser construída seria uma espécie de incubadora de empreendimentos econômicos solidários de beneficiamento de pescado da UFRJ. Lá a BENESCA teria a possibilidade de obtenção do SIM e garantia de um período maior para consolidação de suas atividades.

A luta pelo local teve um papel de destaque na formação do grupo incubado. Reconhecida ao longo de todo processo como a principal dificuldade do empreendimento, ao lado das vendas, ela ajudou a consolidar a identidade deste grupo. Seus integrantes estiveram presentes em diversos momentos importantes de negociação e exerceram a função fundamental de pressão e cobrança de seus representantes no poder público municipal para a solução da questão. A participação do grupo nesta luta foi, sem dúvida, decisiva. É bonito observar o orgulho expresso na fala das pessoas quando essa história é lembrada, ainda por concluir.



Grupo do projeto BENESCA na frente da Câmara de Vereadores de Cabo Frio, no dia da votação sobre a concessão do terreno.

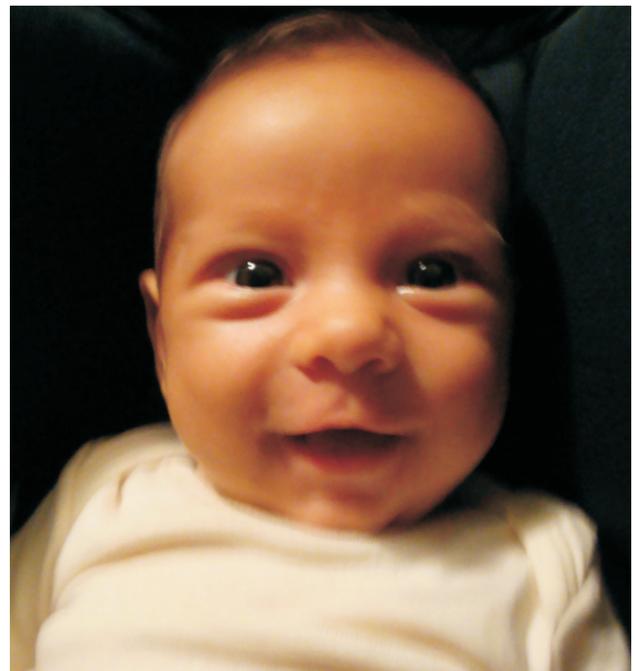


VIVA A REVOLUÇÃO

Por Felipe Addor

No começo, um sonho,
uma mistura de nós.
O passeio no parque,
o futebol de pé, de botão.
Zoológico, Maracanã, Jardim Botânico.
O desejo de descobrir, de se descobrir
de mãos dadas.

De um ato, fato, momento
inconseqüente, cotidiano,
a maior conseqüência da vida: a vida.
O exame confirma,
o coração explode,
no embate entre euforia
e medo.



O caroço no ultrassom,
o som do coração,
o chute na barriga;
indícios da revolução.
Felicidade.
De repente, o mundo se torna
Ernestocentrico.

Excêntrico: fraldas,
choro, soluço, arrote.
E toda a grandeza do mundo,
a plenitude da vida,
num frágil, desprotegido,
alegre e sincero
sorriso.

Amo você, Ernesto.

Fórum Social Mundial, Pesca e Exclusão



Por Flávio Chedid

Belém do Pará, janeiro de 2009, Fórum Social Mundial (FSM). Em sua nona edição, o FSM escolheu o portal da Amazônia para debater o outro mundo possível, momento de crise financeira mundial em que urge a necessidade de construirmos alternativas ao sistema de produção vigente.

O desejo por outro mundo nem sempre se expressa nas ações cotidianas e isso fica claro nas contradições presentes na organização do Fórum. Exigência de crachá na portaria, repressão a população local, exclusão dos mais interessados na mudança, dos que necessitam dela de forma mais premente. As medidas de segurança não condiziam com a proposta de um novo mundo. Entretanto, isso em nada diminui a



importância de um espaço como esse em que podem ser vistas manifestações contra o próprio Fórum, local em que, embebidos de uma vontade de mudança, debatemos ferrenhamente sobre as formas divergentes de alteração do sistema capitalista.

Faz-se necessária a existência de formas distintas de organização

A Rede Solidária da Pesca buscou com um estande e duas oficinas apresentar a experiência de três projetos onde se uniram pescadores artesanais, marisqueiras, descascadeiras de camarões e diversos atores que compõem a cadeia produtiva da pesca artesanal para debater e enfrentar coletivamente as dificuldades vividas por estas populações tradicionais.

Em dois dias de discussões pudemos notar que muitos dos problemas da pesca que vivenciamos nos projetos ligados à Rede se reproduzem no estado do Pará, como a definição do período do defeso de algumas espécies e a poluição dos rios e mares.

Percebemos que há espaço para a integração de novos atores à Rede no sentido de juntar forças em benefício da pesca artesanal. Considero esta uma forma distinta de organização, que busca no protagonismo das classes excluídas a construção de outro mundo.

Sem a participação dos já excluídos pelo sistema vigente, o Fórum Social Mundial pode aprofundar a exclusão. Excluídos também da luta por mudança. Excluídos também da luta pelo fim da própria exclusão.

Que em 2011 as populações locais do país africano escolhido sejam protagonistas das discussões e propostas de melhorias.



A Revolução Cubana em 50 anos Entrevista com Gina Rey

Por Vicente Nepomuceno

O povo cubano comemorou, em janeiro de 2009, o aniversário de 50 anos da Revolução Cubana. Na contramão da mídia convencional, o SOLTEC procurou fazer uma homenagem à sobrevivência da Revolução. Para isso, entrevistamos a pesquisadora e professora de urbanismo do Centro de Estudos Urbanos da Faculdade de Arquitetura do ISPJAE em Havana, Gina Rey.

Rey é arquiteta e máster em Ordenamento Territorial e Urbanismo, foi diretora do Plano Maestro da Cidade da Havana e do Grupo para o Desenvolvimento Integral da Capital, além de coordenadora dos Grupos de Planejamento e Gestão Comunitária em 20 bairros da capital cubana. Nos últimos 5 anos, dirigiu uma pesquisa sobre a reabilitação urbana na área do centro de Havana, trabalho pelo qual recebeu o reconhecimento do Ministério da Educação Superior de Cuba, em 2007, como a melhor investigação pelo seu aporte ao desenvolvimento social.

A professora publicou, em 2005, o livro “El barrio de Colón: rehabilitación urbana y desarrollo comunitario en La Habana”.

SOLTEC: Durante um período, a revolução cubana representou um sonho e uma possibilidade de mudança para os jovens e sonhadores do mundo inteiro. Como era o sentimento dos cubanos no começo da revolução? O que pensavam que ia acontecer? Quais eram as discussões principais no início da revolução?

Nessa primeira etapa, que pode denominar-se de utopias revolucionárias, o povo cubano abraçou a Revolução com grande entrega e um grande entusiasmo – existia muita admiração pelos heróis que lutaram para derrocar a ditadura, era o começo de uma nova era e os jovens apoiaram as tarefas de construção de uma nova sociedade. Jovens como eu participaram aos 14 anos da alfabetização nas áreas rurais

durante o ano 1961. Foi realmente um período muito romântico e inesquecível que vivemos. Foi um grande privilégio que a vida me deu. A princípio não tínhamos consciência da profundidade das mudanças que iam acontecer, mas na medida em que ocorreram eram apoiados pela imensa maioria do povo. As discussões principais no início da revolução eram sobre a necessidade de desenvolver uma consciência social e o espírito coletivo, o tema do papel do Estado, da religião e da propriedade no socialismo, entre outros.

SOLTEC: Os mais velhos, ou seja, aqueles que participaram da revolução, vivenciaram as consequências do capitalismo selvagem, mas a geração mais jovem não tem esse parâmetro. Não existe um fosso geracional?



Como está a mobilização dos jovens? A discussão ideológica passa hoje por quais referenciais teóricos em Cuba?

Os jovens desejam ganhar um espaço na sociedade para melhorar o socialismo e aspiram ultrapassar as dificuldades materiais atuais para atingir uma qualidade de vida superior. Sua visão sobre os problemas da sociedade cubana atual é crítica, e eles exprimem seus critérios com honestidade e liberdade. A posição majoritária dos jovens cubanos que moram em Cuba se resume na vontade de continuidade com mudanças, embora exista uma minoria que deseja a ruptura com o sistema social em lugar da mudança – pela influência do consumismo e o individualismo, males que também afetam os jovens cubanos, ainda que em menor medida do que sucede em outros países.

SOLTEC: Como se dá a gestão pública? Isto é, como o governo está organizado? Como a sociedade civil se organiza? Como a população reivindica seus direitos?

A gestão pública é preponderante pelo papel reitor que tem o Estado na sociedade. Os setores principais da economia e a administração dos serviços sociais fundamentais. Saúde, educação, cultura e esportes, assim como o transporte e as infra-estruturas de água, saneamento, energia e comunicações, também dependem do Estado através de estruturas ao nível nacional, estadual e municipal. Para a habitação existem programas estatais que são complementados com a autoconstrução da população.

A sociedade civil tem uma grande diversidade de organizações profissionais, culturais, religiosas, comunitárias, ambientalistas fraternais. Umas são tradicionais e outras, como as ambientalistas, têm surgido nos últimos 20 anos.

A população reivindica seus direitos por diversas vias, uma das principais é mediante os órgãos locais do poder Popular que são eleitos pela população e que presta contas periodicamente de sua gestão perante a população que as elegeu mediante o voto secreto. Também os tribunais, a *fiscalía* (procuradoria), sindicatos e organizações profissionais são utilizados em concordância com a natureza do assunto de que se trate.

SOLTEC: Após 50 anos, muitas mudanças aconteceram e muitos aprendizados ocorreram. Porém, a imprensa internacional procura desqualificar a revolução ou ignorá-la. A notícia do aniversário da revolução cubana foi pouco divulgada no Brasil. E, por outro lado, mencionam-se sempre as possibilidades de fracasso. Qual é o sentimento em Cuba com relação aos 50 anos de revolução? E o que se espera da situação política atual com a transição de governo de Fidel para o de Raúl e com a perspectiva de abertura do embargo econômico?

O povo cubano possui uma grande maturidade política e valora o significado que tem os 50 anos de Revolução. Como resultado de um processo de discussão pública, pode verificar-se que, majoritariamente, o povo deseja manter a opção socialista e tem exprimido sua confiança em Raúl para guiar a continuidade do processo. Ao mesmo tempo tem manifestado a necessidade de ultrapassar, superar erros e produzir mudanças para avançar com o socialismo cubano.

SOLTEC: Há uma imagem da Revolução Cubana como uma revolta exclusivamente armada composta por um pequeno grupo de guerrilheiros. No entanto, uma análise mais profunda mostra a extrema importância da conscientização e mobilização da

população, particularmente os camponeses, que foram aderindo ao movimento. No momento atual, em que é distante pensar em uma revolução armada, o que podemos aprender com essa estratégia da Revolução Cubana para construirmos uma “revolução pacífica” por um mundo melhor?

No contexto atual acredito que é válido pensar na construção de uma revolução pacífica, como foi no seu momento a opção da luta armada em Cuba. O mundo e, particularmente, a América Latina têm mudado muito nos últimos 20 anos e a consciência social dos povos tem amadurecido – isso se mostra nos resultados das eleições nos últimos anos em vários países latino-americanos.

SOLTEC: Em sua opinião, o que o Brasil poderia aprender com a revolução Cubana? Qual mensagem pode ser deixada pela revolução ao povo brasileiro?

O Brasil é um grande país e um grande povo que sempre tem manifestado sua simpatia e solidariedade com nosso país. Isso se sente quando se visita o país, no contato com a gente. Tem imensas potencialidades, penso que é estratégico o desenvolvimento humano, a educação como fator de desenvolvimento. José Martí escreveu “*Ser cultos para ser livres*”.

D
I
V
I
R
T
A
-
S
E

ORGULHO BRASILEIRO



Camila Vasconcellos foi aluna das duas disciplinas oferecidas pelo SOLTEC na graduação: Humanidades e Ciências Sociais e Gestão de Projetos Solidários. Hoje, a estudante do terceiro período de Engenharia Eletrônica e de Computação é monitora de H&CS.

A escolha pela monitoria se deu a partir do primeiro contato de Camila com a disciplina. «O que aconteceu foi que no primeiro período eu cursei a disciplina e gostei muito, especialmente por ser uma das únicas disciplinas que permitem ao aluno expressar seus sentimentos a respeito de assuntos diversos», afirma a aluna.



Por um projeto educacional emancipatório para a pesca

Por Felipe Addor e Vera Maciel

Em setembro de 2007, numa reunião em Brasília com alguns ministérios e com a participação de técnicos e comunitários dos quatro pólos envolvidos na Rede Solidária da Pesca (Litoral Fluminense/RJ, Alto e Médio São Francisco/MG, Alto Amazonas/AM, e Baixo Amazonas/PA), o eixo Educação Continuada e Gestão Social ficou definido como prioritário para as ações da Rede Solidária da Pesca, por ser considerado transversal aos outros eixos (Geração de Trabalho e Renda, Gestão Compartilhada de Recursos Naturais, Seguridade Social e Segurança no Trabalho, Equidade Étnica e de Gênero, Comunicação, Resgate e Valorização da Cultura do Pescador). Essa decisão foi ratificada no III Seminário da Rede, em Santarém, em abril de 2008, e começamos a desenvolver ações educacionais nas localidades (como o curso de Gestão Compartilhada de Recursos Naturais em Pirapora/MG e Macaé/RJ) e a buscar recursos para ampliar as ações.

Em função das articulações realizadas, temos previstos para 2009 dois grandes projetos já aprovados: o Plano Setorial de Qualificação em Economia Solidária 2008 do MTE, que teve um dos lotes voltados para o fortalecimento das Redes que atuam na Economia Solidária dentre elas a Rede Solidária da Pesca; e o Projeto de Realização de Oficinas para Capacitação dos Trabalhadores da Pesca em Elaboração e Gestão de Projetos aprovado pela SEAP/PR (Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República).

O desafio agora é definir qual o Projeto Educacional que queremos construir para a formação dos trabalhadores da pesca. Para tanto, realizamos em janeiro de 2009, um encontro nacional para a Construção do Projeto Educacional para a Pesca, com participantes dos quatro nodos da Rede e um representante da SEAP/PR. Foi o pontapé inicial de um processo longo e contínuo, mas que possibilitou levantar algumas diretrizes que orientarão o

projeto:

- ? Atores conscientes de sua história: precisamos formar atores que tenham a compreensão política e social da história de sua categoria e de sua atividade econômica;
- ? Não reproduzir dinâmica capitalista: o objetivo não é inserir os trabalhadores no mercado de trabalho, mas contaminá-los com a visão de uma forma distinta de produção, de cooperação, de solidariedade;
- ? Preparar também para não ser pescador: diante da nua e crua realidade da pesca no Brasil e no mundo, devemos estar cientes de que o espaço para o ofício de pescador pode estar diminuindo, e temos que nos preocupar nas outras possibilidades de atuação desses trabalhadores, construindo um curso com uma formação ampla;
- ? Educação x Escola: pretendemos quebrar o modelo tradicional de curso dentro de sala de aula trabalhando com o conceito de formação de uma forma ampla, com métodos diversos, e utilizando a Pedagogia da Alternância;
- Emancipação política dos trabalhadores: o que é central, além da qualificação técnica;

- ? Politecnia: devemos trabalhar com a perspectiva de articulação de diversos conhecimentos, técnicas e disciplinas;
 - ? Articulado com a Rede: o Plano Educacional deve estar diretamente vinculado ao plano estratégico de consolidação da Rede Solidária da Pesca.
- Ainda incipiente, a reflexão ainda deve se entranhar mais nas discussões com os trabalhadores para definir os caminhos. Destacou-se a necessidade de inserir nos cursos os temas sugeridos no 1º Seminário Da Rede Litoral Fluminense, entre os quais: cooperativismo e associativismo, meio-ambiente, acordos de pesca, metodologia e grupos de atuação e elaboração de projetos, direitos e benefícios dos pescadores, legislação costeira. O grupo também definiu que devemos garantir a participação de atores sociais das principais localidades onde estamos atuando (Macaé, Cabo Frio, Casimiro de Abreu, Búzios, Arraial do Cabo e São João da Barra).
- O desafio é grande, mas aos trancos e barrancos prosseguimos caminhando.



Seminário Educacional para a pesca, realizado em janeiro de 2009 na Cidade Universitária da UFRJ

Até quando rádios comunitárias serão criminalizadas?

Por Marília Gonçalves



Até quando rádios comunitárias serão criminalizadas?

No último dia 4 de fevereiro a rádio comunitária Novo Ar foi condenada a fechar suas portas e prestar serviços comunitários em São Gonçalo, onde funcionava. O problema para a justiça é que a rádio não tem autorização do Ministério da Comunicação para transmitir sua programação, de acordo com o artigo 70 da lei 4117/62.

Em 1997 a Anatel fez sua primeira tentativa de fechar a rádio por irregularidades, mas não pôde porque ainda não havia nenhuma lei específica para o caso das rádios comunitárias. Essa lei foi criada em 1998 (Lei 9612/98), e desde então a Novo Ar tenta regularizar sua situação, sem sucesso. “O processo de regularização já não é mais encontrado no Ministério”, afirma Graça Rocha, sócia fundadora do estabelecimento.

O curioso é que a Novo Ar já prestava serviços à comunidade antes da condenação. Eram feitas doações de cestas básicas para um asilo e realizadas oficinas de capacitação em produção, operação e locução para jovens, com apoio financeiro do próprio Governo Federal.

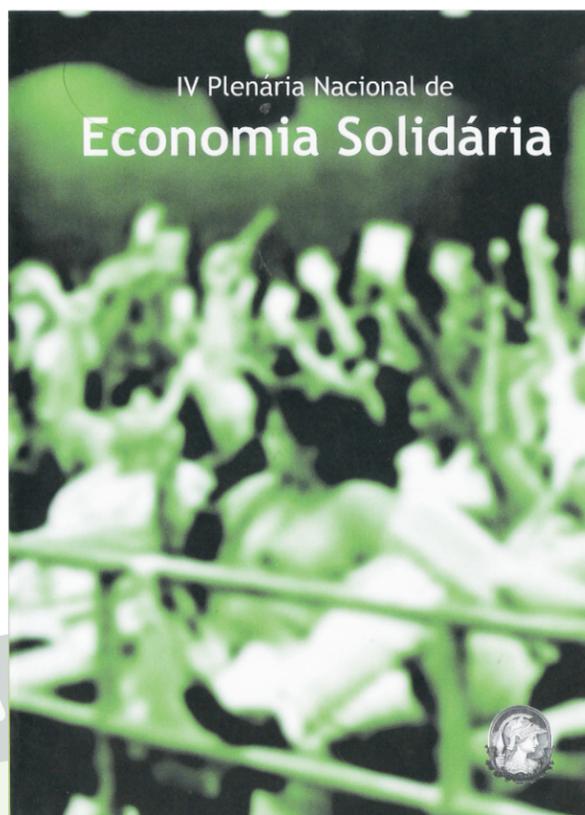
“Uma rádio quando é de fato comunitária interfere em interesses financeiros e políticos de muita gente. Até quando o movimento das rádios comunitárias vai continuar sendo criminalizado e perseguido? É hora de dar uma basta nessa situação.”, afirma Graça.

Rio agora tem Secretaria Especial de Desenvolvimento Econômico Solidário

A Prefeitura do Rio de Janeiro, na gestão Eduardo Paes, traz como novidade a criação da Secretaria Especial de Desenvolvimento Econômico Solidário - SEDES. A nova secretaria tem a frente o psicólogo Marcelo Costa.

O Secretário avalia que apesar de um orçamento pequeno, será possível articular-se com outras secretarias, pois a Economia Solidária é um tema transversal. Ele também tem mantido encontros com diversos órgãos que trabalham com Economia Solidária, entre eles o SOLTEC. Nesse encontro da SEDES com o SOLTEC, foi acertada uma parceria que teria como objetivo auxiliar na organização da Secretaria. Um outro projeto onde a SEDES poderá contar com o nosso apoio é o PRONASCI (Programa ...), que terá atuação nos complexos da Cidade de Deus, Maré, Manguinhos, Alemão e na comunidade do Santa Marta. A atuação visa mapear os tecidos sócio-produtivos dessas comunidades e apoiar sua articulação em rede visando fortalecer esses empreendimentos e criar canais de comercialização.

A área de atuação da SEDES não se restringirá ao campo da economia solidária, mas essas atividades podem se integrar a ela. Dentre essas outras atividades podem ser incluídos os pólos gastronômicos, o terminal de pesca e a reformulação do mercado São Sebastião.



Registro da IV Plenária Nacional de Economia Solidária Documentário. 2008. Brasília.

A equipe de Comunicação do SOLTEC esteve em Brasília, em março de 2007, registrando a IV Plenária Nacional de Economia Solidária. O evento foi organizado pelo Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES) e tinha como objetivo traçar as novas diretrizes do movimento da Economia Solidária no Brasil. Contou também com a presença de convidados internacionais, como o representante do Espaço Mercosur Solidario, Pablo Guerra, do Uruguai.

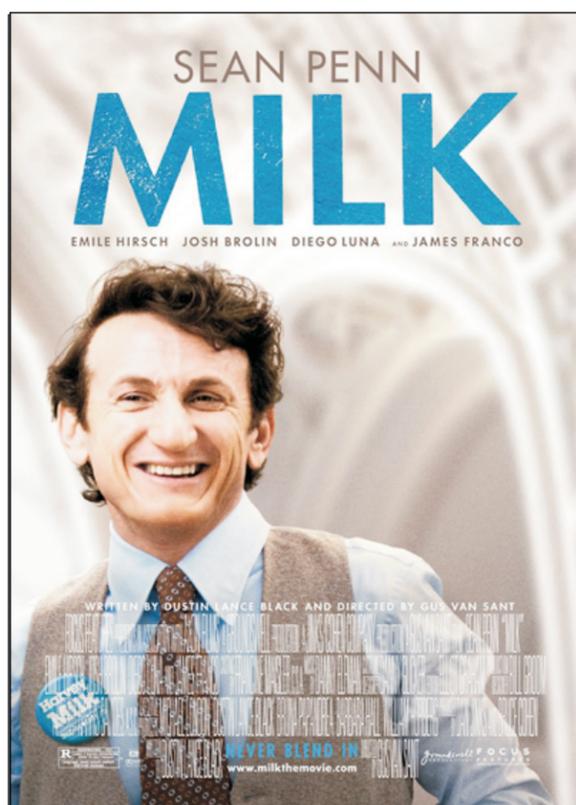
O filme, de duração aproximada de 9 minutos, mostra as reuniões dos grupos de discussão, as votações e as místicas, e transmite um pouco do clima de solidariedade vivido nos cinco dias em que estivemos reunidos. A produção recebeu apoio do Núcleo de Comunicação da Pró-reitoria de Extensão de Universidade Federal do Rio de Janeiro.



Segunda Feira ao Sol (Los Lunes al Sol) Drama. 2002. Espanha.

Segunda feira ao Sol conta a história de um grupo de amigos desempregados que vive no norte da Espanha. Eles se encontram todos os dias no Bar do Rico, onde compartilham suas frustrações, seus medos e esperanças em conversas que são o ponto alto do filme. O contexto histórico é o pós década de 80 e a globalização do capitalismo, que levou a demissões em massa, principalmente nas indústrias. O que restou a esses profissionais desempregados é o que Fernando León de Aranoa nos mostra neste filme.

Vencedor de vários prêmios internacionais, incluindo 4 Kikito no Festival de Gramado – entre eles, o de melhor diretor para Aranoa e melhor ator para Javier Bardem – Segunda feira ao Sol é um filme divertido e inteligente. Com certeza, uma ótima opção.



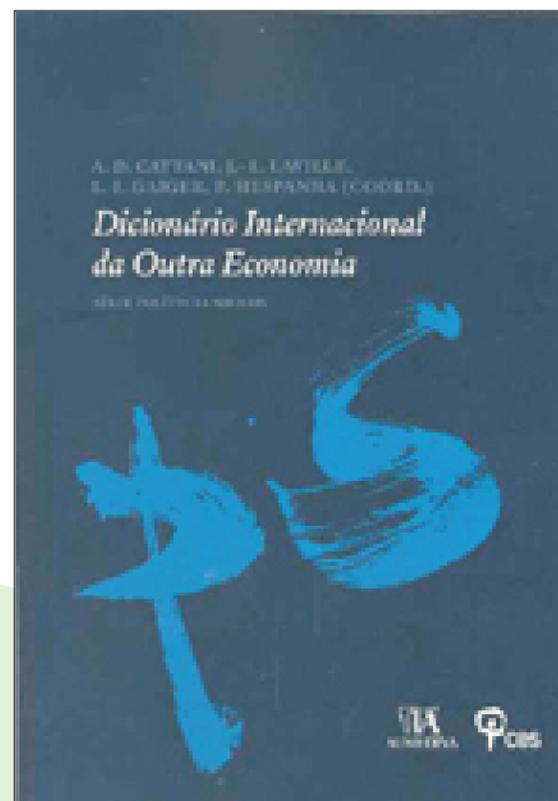
Milk - A voz da igualdade Drama. 2008. Estados Unidos.

Milk conta a história verdadeira do político americano Harvey Milk, assassinado em São Francisco na década de 70. O primeiro gay assumido eleito para um cargo público nos Estados Unidos é brilhantemente interpretado por Sean Penn neste filme de Gus Van Sant (Gênio Indomável, Elefante). O longa foi escolhido melhor filme de 2008 pela Associação de Críticos de Cinema de Nova York, além de indicado ao Oscar pelo mesmo prêmio. Milk também foi indicado ao Oscar pelo prêmio de melhor diretor, melhor ator coadjuvante (Josh Brolin), melhor roteiro original, melhor trilha sonora original, melhor figurino e melhor edição. Aproveite enquanto o filme ainda está em cartaz nos cinemas do Rio. É garantia de diversão.

Dicionário Internacional da Outra Economia (Dictionnaire de l'autre économie). De Antonio David Cattani, Jean-Louis Lavige, Luiz Inácio Gaiger, Pedro Hespanha.

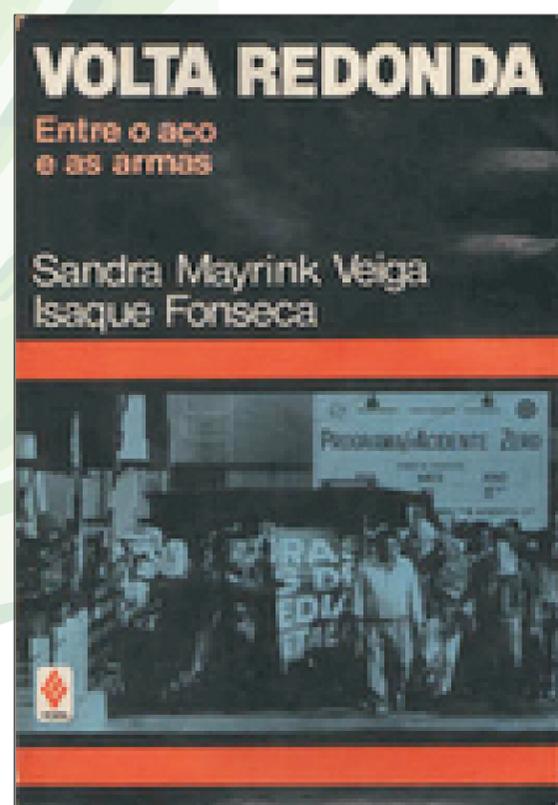
Este dicionário traz, em 352 páginas, 58 verbetes que tratam de uma outra economia – aquela alternativa à economia capitalista exploradora. A cada verbete não se segue apenas uma conceituação da palavra ou expressão, mas as implicações, conceitos e práticas dessa alternativa econômica, em ensaios que podem chegar a 20 páginas.

A tradução para o português foi lançada em fevereiro de 2009 e custa R\$49 no site da livraria Almedina, mas está também disponível para download gratuito na internet. Alguns exemplos de temas tratados são: autogestão, economia popular, movimento social e sociologia econômica.



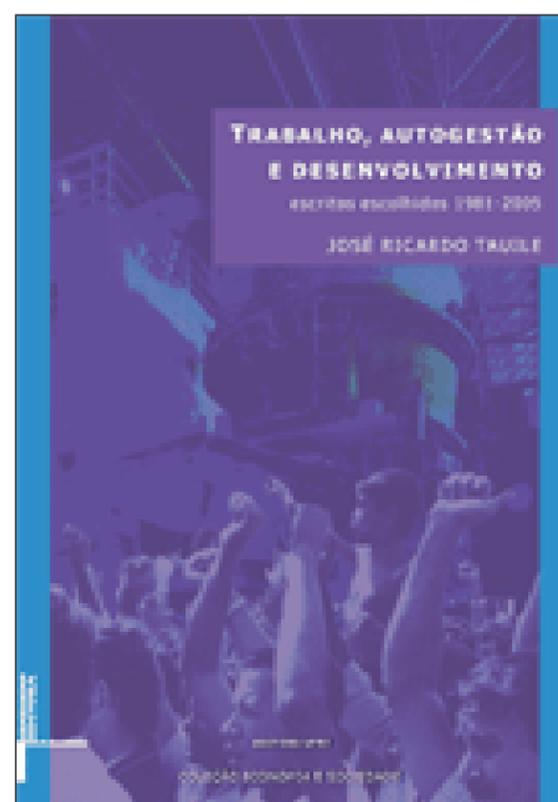
Volta Redonda – Entre o aço e as armas De Sandra Mayrink Veiga e Isaque Fonseca.

No final de 2008, a Secretaria Especial de Direitos Humanos e o PNUD re-editaram o livro Volta Redonda: entre o aço e as armas, lançado pela primeira vez em 1990. O livro conta a história da greve do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda e região, ocorrida em 1988, quando houve uma intervenção violenta do Exército que acabou com a morte de três operários e vários feridos. O grau de violência estremeceu o país, principalmente porque já havíamos passado pelas Diretas e estávamos em pleno processo Constituinte. O livro também fala sobre o nascimento da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e da classe operária brasileira. A novidade da segunda edição é uma análise de como se deu a privatização da CSN e quais foram os seus efeitos.



Trabalho, Autogestão e Desenvolvimento: escritos escolhidos (1981-2005) De José Ricardo Tauile.

No dia 20 de março de 2009 a Editora da UFRJ lançou o livro que reúne textos do professor José Ricardo Tauile, falecido em 2006. O livro organiza, em 386 páginas, os escritos de Tauile – que estavam, até então, divididos em diversas publicações – em três diferentes temas: inovações tecnológicas, modelos de desenvolvimento econômico e economia solidária. A organização é de Marcelo Paixão e Rodrigo Castelo Branco e o lançamento custa R\$38, na livraria da Universidade.





SOLTEC comemora 6 anos

Por Marília Gonçalves

O SOLTEC comemorou, no último dia 13 de março, 6 anos desde a sua criação como núcleo interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão na UFRJ. Há um ano eu acompanho seu crescimento de perto e posso afirmar que é forte e saudável. Hoje, são mais de 50 pessoas trabalhando em 7 projetos do núcleo (são eles: Comunicação e Desenvolvimento Metodológico, Inclusão Produtiva de Jovens na Cidade de Deus, Tecnologias da Informação para Fins Sociais, Energias Renováveis em Paraty, Laboratório de Informática para Educação, Pesquisa-Ação na Cadeia Produtiva da Pesca - PAPESCA, Rede de Informação e Pesquisa em Resíduos).

Não é possível quantificar meu crescimento neste tempo ou dizer o quanto essas pessoas foram responsáveis por ele. Mas é certo que o SOLTEC não passa em branco. Assim como é rica minha passagem por aqui, vejo também a importância para aqueles que já não trabalham pelo núcleo. Eles voltam, colaboram e torcem. Em 2009, recebemos novos bolsistas, novos voluntários e novos colaboradores – eis que o SOLTEC se renova.

Trabalhamos por meio de atitude solidária, visando atuar na construção de uma sociedade mais justa, anti-hegemônica. Os ideais que movem o núcleo – pois moveram, em 2003, o grupo de estudantes que se mobilizou pela sua criação – mantém-nos motivados e mobilizados. Por isso, não seguimos a cada dia trabalhando para o SOLTEC, mas pelo SOLTEC.

ÊÊÊETCHA - Informativo Trimestral

Produzido pelo Núcleo de Solidariedade Técnica da UFRJ - SOLTEC UFRJ

Edição

Marília Gonçalves e Sandra Mayrink Veiga

Diagramação

Marília Gonçalves

Design Gráfico

Leandro Porto

Edição Geral

Sandra Mayrink Veiga

Coordenação Geral do SOLTEC UFRJ

Sidney Lianza

Conheça o SOLTEC

Centro de Tecnologia - UFRJ, Av. Athos da Silveira Ramos 149 - Bloco ABC - sala 112, Rio de Janeiro - RJ; CEP 21941-909 - Telefone: (21) 25627780 - E-mail: comunicacao_soltec@yahoo.com.br